



PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

INTRODUÇÃO

O atual Projeto Político Pedagógico (edição 2018) tem o intuito de apresentar a todos (colaboradores, estudantes, pais e comunidade) a identidade de nossa instituição de ensino. Ele é o nosso DNA. É nesse documento que está registrado a essência daquilo que é a visão dos idealizadores da instituição e que norteia a rotina de trabalho do Colégio Opção. Ele é parte fundamental do processo para que todos os parceiros consigam “ver” aquilo em que acreditamos e porque acreditamos. A estrutura desse documento divide-se em quatro partes interdependentes, apresentadas de forma clara e objetiva.

A primeira parte aborda a nossa missão e visão. É no sentido figurado da palavra visão que alicerçamos a forma como percebemos os contextos em que se envolvem os processos de construção do conhecimento e do desenvolvimento da aprendizagem. Tanto a construção do conhecimento como o desenvolvimento da aprendizagem, sustentados pela linha epistemológica, norteiam o trabalho de desenhar o que esperamos para o estudante no decorrer de sua jornada escolar, ou seja, nossa missão.

A segunda apresenta os valores éticos que sustentam essa visão. Através do desenvolvimento da capacidade reflexiva frente a esses valores, o estudante amplia a percepção da responsabilidade que tem, enquanto indivíduo, no universo coletivo; constrói relacionamentos sustentáveis e se compromete a aprimorar constantemente os seus conceitos e atitudes através da reflexão. Os valores éticos também orientam a construção de um outro documento: o regimento escolar (o regimento escolar, apesar de estar diretamente relacionado ao projeto político pedagógico, é um documento a parte, esse, por sua vez, resultado de construção coletiva e que, sustentado por esses valores, constitui as regras morais da escola).

A terceira apresenta a referência epistemológica com a qual trabalhamos (epistemologia é o estudo sobre a natureza do conhecimento). Compreender como conhecemos, como aprendemos e a inter-relação existente entre sujeito e meio, norteia os nossos esforços, para que consigamos construir um ambiente propício para que o estudante mobilize recursos para desenvolver, ao máximo, as suas habilidades sociais, emocionais, capacidades cognitivas, físicas e espirituais (compreendendo espiritual como aprimoramento ético e moral), ampliando, assim, o seu mundo e contribuindo para um contexto coletivo mais equilibrado.

A quarta parte trata-se das abordagens pedagógicas, que são as estratégias utilizadas pelo colégio, para que consigamos desempenhar a nossa missão. As estratégias são desenhadas para que o estudante consiga desenvolver as habilidades mencionadas no parágrafo anterior. Habilidades essas fundamentais no desenvolvimento integral de cada indivíduo; para isso, as estratégias devem garantir que o aluno domine linguagens básicas (alicerces para compreensão de linguagens mais complexas), saiba acessar novos conhecimentos (disponíveis em função da integração da comunicação) e as suas aplicações práticas (significado para o saber), para que, de forma reflexiva e equilibrada (trabalho voltado para o aspecto comportamental), solucione situações complexas.

MISSÃO

Compreender que missão é uma responsabilidade que vai muito além da obrigação faz com que os esforços valham cada movimento no sentido de construir um ambiente que favoreça a consolidação da nossa visão. Portanto, a missão do Colégio Opção é: construir uma rotina relevante para o nosso estudante, na qual ele consiga, de forma clara, perceber a conexão entre o estudo e o seu universo, que encontre recursos para desenvolver todos os aspectos de sua identidade (emocional, intelectual, física e intuitiva), de forma que, dentro da complexidade que é o indivíduo e suas relações, ele consiga, de forma equilibrada, ser competente para solucionar as situações as quais fazem parte de sua vida

VISÃO

O ambiente escolar é um dos espaços mais significativos em termos de capacidade de influência na vida de um indivíduo, no que tange o desenvolvimento de suas potencialidades ou em sua limitação.

Olhar para cada criança e para cada adolescente considerando verdadeiramente a diversidade contida em sua individualidade reflete não somente nas abordagens escolares, mas também na própria percepção de que o estudante tem de si e do mundo. Portanto, a visão do Colégio Opção é: a escola deve ser um espaço de construções positivas em todos os aspectos da vida dos estudantes e de todos aqueles que de sua rotina fazem parte; um espaço que devolva a integridade humana a qual é o universo de cada indivíduo, entendendo-o como emocional, cognitivo, físico e intuitivo. Assim, o ambiente escolar será uma estrutura capaz de contribuir para uma construção coletiva significativa, partindo de indivíduos equilibrados, saudáveis, intelectualmente capazes e conscientes de suas responsabilidades na construção de um mundo verdadeiramente sustentável.

VALORES ÉTICOS

Os valores éticos norteiam a ação do indivíduo no meio social e, conseqüentemente, a sua moral (condutas sociais). A percepção de ética é amplamente abordada no contexto antropológico (estudo do ser humano) como uma condição passível de aprimoramento e seu conceito mais lapidado na medida em que o ser humano aprimora a sua capacidade de privilegiar o bem comum antes do bem individual, sendo esse o caminho realista para o equilíbrio.

Os valores da nossa instituição também são passivos de aprimoramento, mas, até que o documento seja revisado em função de uma nova percepção, são os valores descritos abaixo as premissas fundamentais no desenvolvimento do nosso trabalho. Os valores são o nosso fio condutor e que, permanentemente, devem ser abordados e analisados de forma reflexiva para orientar as ações no ambiente social (“escola”). Portanto, os nossos valores são:

- **transparência** - no ambiente escolar, bem como em todos os ambientes, é preciso ser claro e verdadeiro nas abordagens e pontos de vista para demonstrar com franqueza o que sentimos e pensamos em relação às situações. Assim, tanto o indivíduo como o ambiente (no sentido das relações humanas) devem estar abertos para novas possibilidades e pontos de vista, entendendo que é nesse processo dialético permanente de considerar outras formas de ver e agir que burilamos ideias distintas para que resultem em um consenso mais equilibrado e conseqüentemente mais significativo para o “NÓS”;
- **comprometimento** - é por comprometimento ao bem comum e à busca pelo equilíbrio que, ao agirmos, devemos nos envolver de corpo e alma, com dedicação, verdade e transparência. É pelo envolvimento sincero na busca pelo equilíbrio que o amor, compreendido como um sentimento relevante de desejo pelo bem comum e felicidade generalizados, manifesta-se e uma sociedade mais feliz é construída. Portanto, o nosso comprometimento é com o amor, sendo ele meio e fim simultaneamente;
- **gentileza** - o nosso ego, em detrimento do comprometimento e da transparência pelo bem comum, pode nos pregar grandes peças; pois, ao considerarmos um ponto de vista contrário ao nosso desequilibrado perante uma situação específica, perdemos a clareza

e agimos de forma dissonante ao equilíbrio. Saber lidar com sentimentos adversos e administrá-los é fundamental. Portanto, a gentileza é sempre o termômetro das nossas ações, devendo ser usada com todos, independente da situação (mesmo as de grande estresse), sendo esse um ato contagiante de nobreza; pois exemplifica, na prática, o respeito à diversidade, aos limites de compreensão alheios e aos próprios.

EPISTEMOLOGIA

Ao estudo sobre a natureza do conhecimento damos o nome de “Epistemologia”. As visões epistemológicas geraram e geram reflexos sociais, cabendo a nós, como instituição de ensino, após detalhado estudo, identificar conceitos epistemológicos que mais se identifiquem com o que acreditamos ser uma referência lógica no desenvolvimento da nossa missão na busca de consolidarmos a nossa visão.

O fenômeno CONHECER é algo que vem, desde os primórdios, incitando reflexões e observações nos mais diversos campos dos estudos humanos. Na tentativa de explicar esse fenômeno natural que está diretamente ligado à vida e intimamente ligado à nossa curiosidade e interesse pelo gênero humano, diversas linguagens nasceram e nascem na tentativa de explicar a natureza do seu desenvolvimento.

A primeira e mais significativa descoberta e que dará início a nossa descrição de linha epistemológica é a de que TODA REALIDADE É RELATIVA. Usaremos para exemplificar melhor essa relatividade, a “Alegoria da Caverna de Platão”. Platão foi um conhecido filósofo grego e que muito contribuiu para o progresso sendo, ainda hoje, fonte de estudo e de inspiração.

Imaginem um grupo de pessoas morando desde sua infância, dentro de uma caverna. Elas estão presas de tal forma que não conseguem mover nem mesmo o pescoço para ver o que existe a sua volta, conseguindo observar somente o que passa a sua frente. O olhar dessas pessoas está fixo em direção ao fundo da caverna, já que elas se encontram de costas para onde fica a entrada. A luz que ilumina a caverna é a luz de uma fogueira situada num monte; lá no alto da caverna, entre a luz da fogueira e os moradores da caverna, existe um caminho por onde passam pessoas carregando inúmeros objetos em sua cabeça (objetos de todas as ordens como estatuetas de animais, imagens de homens, etc.). Imaginem também que existe uma barreira (tipo um muro), que tampa as pessoas que passam, permitindo aos moradores da caverna virem somente as sombras dos objetos que eles carregam, pois a barreira funciona como um tabique, atrás do qual ficam os apresentadores de fantoches para exibirem seus bonecos ao público. Percebam que os moradores, ao estarem com o olhar fixo rumo às sombras que veem, imaginam que essas imagens são a realidade que presenciam, tanto a dos objetos quanto a de seus próprios companheiros; o mesmo ocorre quando escutam o som ecoado na caverna que vem dessas pessoas passando, eles têm a impressão de que esses sons saem daquelas sombras, simplesmente por desconhecerem a sua origem. O mais interessante é que se um desses

moradores é obrigado, depois de “solto”, a sair da caverna e olhar a luz, ficará ofuscado de tal forma que não conseguirá perceber, nem mesmo os objetos dos quais só conhecia a sombra. Que comentário ele faria se fosse lhe dito, nesse momento, que aquilo que ele conhecia não se passava de falsas aparências. De fato, ficaria um pouco confuso e mesmo que lhe fosse arguido sobre os objetos que acabara de ver, momentaneamente, tendenciado pelo tempo em que conhecia as sombras, ainda reconheceria nelas mais verdade do que as imagens que acabara de conhecer. E se, agora, esse mesmo homem fosse obrigado a sair da caverna. Ele, depois de muito relutar sobre essa saída, chegaria ao ar livre e reconheceria, de imediato, tudo o que hoje reconhecemos como verdade? De certo, precisaria de tempo para se habituar a nova realidade. Depois de se habituar a essa nova realidade, raciocinando e compreendendo mais sobre essa nova forma de ver a vida, ao lembrar dos antigos companheiros de morada, dos conhecimentos que, atados, lá na caverna se produzem, das verdades que lá conhecem, não lamentaria pelos que lá estão e se alegraria pela sua mudança? Suponha que os moradores da caverna concedam honras e elogios entre si, atribuindo recompensas para o mais esperto, capaz de prever a passagem das sombras ou de memorizar a sequência que elas aparecem. Será que o homem liberto da caverna sentiria ciúme dessas distinções ou teria inveja dos moradores da caverna que fossem os mais honrados e poderosos? De certo que não. Agora, imagine esse homem liberto voltando à caverna para o mesmo lugar que por muito tempo viveu. Em função da luz do sol, que habituado está fora da caverna, ficaria, temporariamente, cego em meio a sombra e provocaria gargalhadas nos homens que ali habitam se tivesse que discutir algo em relação às sombras. Esses homens da caverna lhe diriam que a subida ao mundo exterior o prejudicou a vista e que, portanto, não vale a pena subir até lá.

O mito, acima, descreve, alegoricamente, a importância de “sairmos da posição” em que estamos para conhecer novas perspectivas daquilo que já supomos saber. Compreendemos, então, que o fenômeno do CONHECIMENTO se dá mediante uma experiência, na qual, de alguma forma, estamos inseridos, e que, em função dessa experiência, geramos uma impressão. Essa impressão é sempre particular. Portanto, é essencial considerar pontos de vista diferentes daquele que temos. Essa ação faz com que, além de compreendermos o outro dentro de sua realidade, que também é relativa, pois depende da forma como ele experiencia algo, desenvolvamos virtudes fundamentais na construção de uma sociedade mais feliz. Portanto, somos cocriadores das infindáveis realidades que a vida abarca.

Ao elucidarmo-nos com novas formas de conhecimento, ampliamos o nosso repertório na construção de um indivíduo capaz de resolver problemas sem sofrimento, ou seja, ser equilibrado (entendemos que esse é o conceito antropológico de felicidade).

Quando coletivamente comungamos de um mesmo conhecimento, criamos um SABER SOCIALMENTE CONSTRUÍDO. Quando as informações contidas nesses saberes socialmente construídos são equilibradas e virtuosas, temos aí o “néctar” da TRANSFORMAÇÃO. Assim, devemos considerar sempre o universo de cada criatura, pois é dele que nasce a essência desse néctar que nos coloca, automaticamente, na posição de cocriadores da vida.

Para ampliarmos mais a nossa percepção a respeito do conhecimento e de seus reflexos práticos no dia a dia, explicaremos um pouco mais sobre dois aspectos que se interagem e nos auxiliam nos processos de transformação, sendo ela positiva ou negativa. Para manutenção sustentável da vida, é fundamental que as transformações sejam positivas. Assim, os dois aspectos mencionados, abaixo, devem estar sempre em consonância.

DIALÉTICA ENTRE ASPECTOS ÉTICOS E TÉCNICOS

O aprimoramento da estrutura social, dentro do conceito antropológico, decorre de um processo dialético entre aspectos éticos e técnicos. Dentro do processo dialético, percebemos que as evoluções nos dois campos, apesar de serem interdependentes, não necessariamente acontecem no mesmo momento. O fato é que o desenvolvimento técnico muda na medida em que novos saberes são construídos e logicamente sustentados, frutos de esforços intelectuais; já os conceitos éticos se expandem e ganham novas interpretações à proporção que o sujeito se organiza para colocar a sociedade à frente do indivíduo, num esforço de construir um contexto coletivo mais sustentável e equilibrado. Geralmente o aprimoramento ético é fruto de um esforço emocional; pois, por mais que seja lógico, implica sair de uma suposta zona de conforto em benefício de alguém, alguns ou de algo que supostamente é alheio a ele próprio, isso demanda necessariamente uma ação altruísta e não necessariamente prazerosa. Dentro desse processo, o indivíduo deve se organizar de forma proativa, pois dentro da percepção epistemológica de nossa instituição o indivíduo é cocriador, sendo assim, sua ação tem um efeito social, o mesmo deve, portanto, agir para que sua intenção se reflita no coletivo e não esperar que o coletivo determine a sua ação. Temos, então, uma clara percepção do porquê a escola deve se organizar para possibilitar ao aluno desenvolver autonomia de pensamento.

Logo, auxiliar o aluno no processo de construção de sua autonomia positiva reflete diretamente na interação entre a técnica e a ética e, por consequência, na sociedade na qual ele é capaz de agir (o campo de ação do indivíduo é proporcional a sua capacidade de contundência e, dentro da visão epistemológica que temos, essa capacidade de contundência é ilimitada, uma vez que uma ação pode gerar reflexos imensuráveis).

A percepção da importância do esforço pessoal em prol do coletivo dilata-se na medida em que o sujeito percebe que o seu mundo é construído da forma como ele cria, sendo reflexo de suas ações, e não da forma como o mundo supostamente se apresenta (fundamento da relatividade da realidade mencionado no começo do tópico). A árvore do conhecimento, apresentada no livro de Humberto Maturana e Francisco Varela, mostra em sua abordagem epistemológica que somos todos uma unidade biologicamente interligada e que não somos alheios aos acontecimentos e, sim, parte integrante de um processo que se interage e se interfere mesmo que de forma inconsciente. Dessa forma, nossas ações geram reflexos incalculáveis. Ao compreender essa natureza do conhecer, o indivíduo se apropria de suas intenções e da responsabilidade de construir o coletivo e não de atribuir ao coletivo a causa de reflexos negativos, pois o coletivo é, simplesmente, resultante de um conjunto de ações individuais.

ABORDAGEM PEDAGÓGICA

É através da abordagem pedagógica que colocamos em prática a nossa visão e missão. Assim, as partes descritas nas estratégias desse documento, se forem trabalhadas de forma desconexa, não fazem sentido; pois, se assim o for, serão apenas fragmentos, que, isolados, não compõem um organismo capaz de atender a nossa missão.

Tudo se inicia na reflexão sobre o que esperamos para nossos estudantes. Nesse sentido, sucesso para nós é:

- formar alunos comprometidos, éticos e felizes (entendemos assim que o conceito antropológico de felicidade é: equilíbrio para resolver problemas sem sofrimento).

Para que nossa expectativa seja atendida desenhamos uma estrutura onde a aprendizagem do saber técnico (domínio de linguagens) é ancorada por uma base denominada funcional.

DOMÍNIO DE LINGUAGENS:

Trabalhamos as linguagens (conteúdos) de duas maneiras. Em uma delas a estrutura referencial leva em consideração a Base Nacional Curricular Comum (documento referência do MEC), direcionada, porém, para realidade do nosso estudante, que vivencia experiências culturais que o influenciam e são influenciadas por ele; um indivíduo pertencente a uma comunidade mais abrangente e sem limites, visto que está o tempo inteiro conectado ao mundo através da integração da comunicação e que, a todo momento, derruba barreiras rumo a uma integração mais qualificada e cooperada. São quatro as linguagens técnicas a serem dominadas pelos estudantes, visando à formação de uma base sólida de conhecimentos capaz de impactar na sua “visão do todo” e que são fundamentais para se aprofundarem de forma mais qualificada em conhecimentos mais complexos.

A Matemática, o Português, o Inglês, e as Ciências da Natureza e da Humanidade (a descrição das ações da abordagem pedagógica para cada uma dessas linguagens bem como a base funcional estão descritas na íntegra no currículo escolar).

Na outra, o aluno tem oportunidade de vivenciar a prática da aprendizagem baseada em projetos, que permitirá que a base funcional ganhe vida, dando base para que o estudante desenvolva as habilidades funcionais na prática. É também através dessa prática que

possibilitamos aos estudantes que estão além dos domínios dessas linguagens a condição de darem “asas” e extrapolarem, sem limites, as suas buscas por conhecimento e, aos estudantes que ainda precisam aprimorar, para que tenham condições de realmente se apropriarem dessas linguagens dominando seus conceitos e aplicações. Essa é a principal abordagem para o ser cognitivo.

Todas as linguagens acima são sustentadas por uma base que denominamos base funcional, composta de dois eixos interdependentes. O funcional que dá alicerce ao aspecto técnico (desenvolvimento de habilidades produtivas) e o funcional que dá alicerce ao aspecto ético (desenvolvimento de habilidades comportamentais). A base funcional técnica compreende as habilidades que devem ser desenvolvidas durante todo o ciclo escolar que sustentam os aspectos técnicos; são habilidades características de um sujeito empreendedor, com planejamento, com organização, com pró-atividade, com trabalho em equipe, com responsabilidade e outros.

A base funcional ética diz respeito a habilidades que também devem ser desenvolvidas durante todo o ciclo escolar que sustentam os aspectos comportamentais e emocionais. Essa base tem o intuito de preparar os estudantes para lidar com as próprias emoções, com as adversidades e com as diversidades existentes na vida, com a sua capacidade de relacionar e contribuir com a construção de uma sociedade mais equilibrada.

CONCLUSÃO

O grande desafio para a educação atual é estimular o estudante a retomar os questionamentos em busca de aprimoramento constante e do despertar da consciência para o senso de pertencimento e integralidade de um sistema social complexo denominado *Vida*. Para o despertar dessa consciência, ele deve ter, dentro de si, de forma clara, argumentos mais complexos e lógicos (saberes) resultantes da prática cotidiana do tripé conhecimento-ação-reflexão que o fazem compreender que o sistema social, que é a vida, não se limita a relações alheias entre o homem e seu semelhante; mas é, de fato, um sistema integrado em que o ser humano não se distingue da natureza, do ambiente onde vive e mesmo aquele em que não vive, mas que sua ação pode impactar. Desenvolver a consciência de pertencimento a esse sistema integrado faz com que o indivíduo, em todas as suas ações, passe a medir de forma consciente os reflexos diretos e indiretos que seus atos podem gerar. Essa integralidade do ser e do ambiente é descrita por inúmeros autores como fator preponderante para que o produto resultante e constante da relação homem/ambiente, homem/homem seja capaz de atender às necessidades coletivas de forma mais equilibrada e sustentável. Esse é o verdadeiro senso de ecologia.

A educação é uma das ocupações mais expressivas do cotidiano da criança e adolescente, sendo de fundamental importância que essa população participe de forma funcional, exercendo desempenho satisfatório em todas as atividades que permeiam tal ocupação.

REFERÊNCIAS

- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. Varela. **A Árvore do conhecimento- as bases biológicas da compreensão humana**. 9ªed. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed.rev. São Paulo: Cortez, 2011.
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo- o poder da improvisação na vida e na arte**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial.
- NASSETTI, Pietro, **A República - Platão**. 3ª ed. São Paulo: ed. Martin Claret, 2000.
- FREINET, Célestin, **Pedagogia do bom senso**. 7ª ed. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2004.
- HAWKING, Stephen, **O universo numa casca de noz**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

